



URBANIZAÇÃO TURÍSTICA E REPRODUÇÃO ESPACIAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE TRINDADE, PARATY-RJ

TOURISM URBANIZATION AND SPATIAL REPRODUCTION: CONSIDERATIONS ON TRINDADE, PARATY-RJ

MARCELO BARROS CURVELOⁱ
WILSON MARTINS LOPES JÚNIORⁱⁱ

Palavras-chave

Turismo e
Urbanização.
Urbanização
Turística.
Costa Verde.
Vila de Trindade.
Paraty.

Resumo

A Urbanização Turística pode ser compreendida como a apropriação de espaços da cidade em decorrência do turismo, especialmente no que diz respeito às práticas de lazer e consumo do espaço. Este processo se espacializa mediante a presença de objetos fixos que servem ao deslocamento de diferentes tipos de fluxos de acordo com a lógica dos agentes produtores. Todavia, a urbanização turística pode ser responsável por processos de segregação socioespacial, e custos ambientais à localidade turística. Nesta perspectiva, esta pesquisa se estrutura acerca das questões e contradições intrínsecas ao espaço turístico, apesar do estágio incipiente de urbanização, limitações geográficas e infraestruturais na localidade de Trindade, município de Paraty-RJ. A Vila de Trindade constitui importante destino turístico do estado do Rio de Janeiro, tendo no desenvolvimento da atividade turística um histórico marcado por intensos conflitos de terra e especulação imobiliária, em especial nas décadas de 1970 e 1980. Os procedimentos metodológicos compreenderam pesquisa bibliográfica e em banco de dados, observação direta, entrevistas semi-estruturadas e suas análises. Quanto ao método de análise privilegiou-se o qualitativo. Concluiu-se que a atividade turística em Trindade tornou-se relevante economicamente aos seus moradores; entretanto, constatou-se também que o crescimento do turismo, além de transformações socioespaciais, desencadeia problemas sociais e ambientais. Por fim, as problemáticas relacionadas ao turismo influenciam na experiência de vida dos moradores com o seu próprio território.

ISSN

2594-8407

**Revisado por
pares**

Submetido em
03/11/2020
Aprovado em
22/01/2021



Keywords

Tourism and Urbanization. Tourism Urbanization. Green Coast. Trindade Village. Paraty.

Abstract

Tourism Urbanization can be understood as the appropriation of city spaces due to tourism, especially concerning leisure and space consumption practices. This process is spatialized through the presence of fixed objects that serve the displacement of different types of flows according to the logic of the producing agents. However, the tourism urbanization can be responsible for socio-spatial segregation processes and environmental costs to the tourist location. In this perspective, this research is structured on the issues and contradictions intrinsic to the tourist space, despite of the incipient stage of urbanization, and the geographic and infrastructural limitations in the locality of Trindade, municipality of Paraty - RJ. The village of Trindade constitutes an important tourist destination in Rio de Janeiro state, having in the development of the tourist activity a history marked by intense land conflicts and real estate speculation, especially in the decades of 1970 and 1980. The methodological procedures included bibliographic and database research, direct observation, semi-structured interviews and their analysis. As method of analysis, the qualitative method was preferred. It was concluded that the tourist activity in Trindade became economically relevant to its residents; however, it was also found that the growth of tourism, in addition to socio-spatial transformations, triggers social and environmental problems. Finally, the problems related to tourism influence the residents' life experience with their own territory.

INTRODUÇÃO

O turismo constitui atividade socioeconômica centrada no deslocamento espacial, haja vista a necessidade de viagens e infraestrutura adequadas para a sua realização (Jafari, 2005; Pearce, 2003). Assim, o turismo engendra uma série de processos que repercutem na esfera social, dinamização econômica e alteração do espaço, sendo esta inerente à atividade, uma vez que a prática turística implica no uso de infraestruturas específicas previamente existentes ou instaladas para este propósito no território (Yázigi *et al.*, 1996; Cruz, 2000, 2003; Mullins, 1991). Portanto, novas dinâmicas territoriais são observadas, desde a divisão territorial do trabalho até a configuração socioespacial (Fratucci, 2007, 2009).

A apropriação de espaços da cidade em decorrência do turismo, em especial sustentado no lazer e no consumo do espaço, serviços e objetos, pode ser interpretada como Urbanização Turística (Mullins, 1991). Tal forma de urbanização se espacializa por meio da presença de objetos fixos voltados para o serviço



turístico e de movimentação de diferentes tipos de fluxos, ocorrendo de acordo com a lógica de seus agentes produtores (Yázigi *et al.*, 1996). Os fixos em questão estão espacializados em forma de hotéis, bares, restaurantes, pousadas, locais abertos à visitação, rodoviárias, aeroportos, rodovias, entre outros (Fratucci, 2008).

Considera-se ainda, de acordo com Cruz (2003), que a urbanização turística permite maior circulação e acesso de pessoas ao centro receptor, de modo a maximizar o consumo e o lucro das partes interessadas. Assim, a urbanização turística pode ser responsável por processos de segregação socioespacial, além de custos ambientais à localidade, como: degradação do espaço físico, aumento na geração de resíduos sólidos, esgotamento da capacidade de abastecimento hídrico, entre outros, como aponta Mascarenhas (2004).

Em concordância com essas premissas, este estudo teve como alicerce a reflexão sobre determinadas questões e contradições intrínsecas ao conceito de espaço turístico de um local com limitações geográficas e infraestruturais, tendo em vista o estágio incipiente de urbanização, ainda que seja grande a presença de serviços turísticos locais. Neste contexto, a área de estudo da presente pesquisa foi a vila de Trindade, bairro localizado no município de Paraty, no sul do estado do Rio de Janeiro. O local, além de ser um dos destinos mais procurados do estado, tem sua história de desenvolvimento turístico marcada por intensos conflitos de terra e especulação imobiliária no decorrer dos anos 1970 e 1980. Soma-se a isso a motivação da pesquisa pela problemática associada ao amplo fluxo de visitantes no local que conta com limitações geográficas e, sobretudo, à infraestrutura para dar suporte a esse fluxo, crescente ao longo dos anos.

Em relação à reconfiguração socioespacial associada ao turismo, esta pesquisa busca explorar as implicações da atividade turística em Trindade, que é, conforme Oliveira (2004), o segundo maior polo de atração turística do município de Paraty. Neste sentido, os objetivos que sustentam esta pesquisa estão diretamente ligados à dinâmica territorial imposta pela prática turística na área de estudo. Dentre os principais objetivos estão: identificar alterações naquele espaço ocasionadas pelo turismo; entender a relevância da prática para os moradores locais; observar e relatar as implicações negativas e positivas ocasionadas pelo turismo para a comunidade e o território locais.

Como metodologia empregou-se o método qualitativo utilizando entrevistas semiestruturadas com residentes e lideranças locais, observação direta, análise de documentos oficiais, como o Plano Municipal de Saneamento Básico de Paraty e o Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], além de pesquisa bibliográfica. Os procedimentos de consulta



bibliográfica e análise dos documentos citados ocorreram durante os meses de agosto de 2019 e fevereiro de 2020; já a segunda etapa da pesquisa foi realizada entre os meses de março e julho de 2020.

As diretrizes teórico-conceituais compreenderam o conceito de espaço, de Santos (1978, 1985, 1996), a incorporação deste mesmo conceito elaborada por Cruz (2003, 2008) para pensar os efeitos da urbanização turística e o entendimento dos processos de turistificação do espaço, de Knafo (1996), e atuação dos seus agentes produtores, conforme exposto por Fratucci (2007).

As bases teóricas a respeito da produção do espaço turístico encontradas nos estudos de Knafo (1996), Nicolas (1996) e Fratucci (2007) foram essenciais no entendimento dos agentes atuantes na produção do espaço turístico, isto é, na turistificação dos espaços. Segundo Fratucci (2007, p. 3), pode-se afirmar que "o agente turístico compõe-se pelas pessoas, grupos ou instituições com poder de gerar um efeito sobre o fenômeno ou sobre a atividade turística, ou seja, com capacidade de intervir, modificar ou influenciar o seu curso". Sendo assim, a espacialização de localidades apropriadas para uso e desenvolvimento do turismo se dá em função de agentes sociais próprios da prática turística, seguindo a lógica da produção e do consumo. A respeito dos agentes, são estes, segundo Fratucci (2007, p. 2): o turista; agentes do mercado; o Estado; as comunidades de áreas receptoras; trabalhadores diretos do turismo.

A identificação dos agentes que a partir do turismo engendram suas respectivas ações é fundamental. Para Cruz (2000, p. 27), a atividade está intrinsecamente ligada ao fato de que o "ordenamento e reordenamento de territórios para seu uso requer a consideração de inúmeras variáveis que compõem o imenso jogo de relações do qual o turismo representa apenas uma parte". Desta maneira, conforme proposto por Pearce (1995), o turismo deve ser planejado e gerenciado a partir de uma perspectiva geográfica. Para além disso, seguindo a linha de pensamento de Lozato-Giotart, citado em Pimentel e Castrogiovanni (2015), a Geografia deve analisar os efeitos espaciais relacionados com a expansão do turismo.

REVISÃO DE LITERATURA

As atividades antrópicas e suas mais diversas relações com o espaço geográfico constituíram diferentes lógicas de intervenção estabelecidas ao longo do tempo (Spósito, 1998). Estas, por sua vez, nortearam a relação sociedade e natureza atuando de modo incisivo na modificação gradual do espaço geográfico, segundo Mumford (1982 como citado em Spósito, 1998).



Spósito (1988) aponta que historicamente as relações humanas resultaram em determinadas formas de utilização do espaço geográfico e, portanto, de produção dele. Conforme Santos (1996), em cada momento da história a intervenção espacial esteve relacionada a lógicas coordenadas pelo modo com que os organismos integrantes do espaço dele se utilizavam, de maneira a suprir as mais diversas demandas e, para tal, alterando-o significativamente.

A constante alteração e, portanto, a ressignificação do espaço geográfico engendradas pelas relações sociais se concretizaram à medida que estas também se modificaram. Tal perspectiva tem suas bases no pensamento de Milton Santos (1978, 1979, 1985, 1986, 1996), que define o espaço geográfico enquanto totalidade, ou seja, um conjunto de formas e funções apresentadas por processos pretéritos e presentes.

Enquanto totalidade, na perspectiva de Santos (1996), o espaço geográfico é composto por amplo sistema de ações e objetos fixos que se inter-relacionam dinamicamente, onde os fluxos de ações dão origem às formas, e as formas coordenam as ações, de maneira única de acordo com o quadro histórico vigente.

De acordo com Queiroz (2014), o espaço geográfico assumido como totalidade é uma interação entre a materialidade e a imaterialidade. Sua existência material é condição indispensável para a existência do espaço imaterial, que é considerado por Lefebvre como espaço social (Santos, 1994 como citado em Queiroz, 2014).

Nos estudos de Cruz (2008) e Santos (1996), o espaço geográfico condiciona a prática social, assim como pode ser condicionado por ela. Como fruto disso, Santos (1978) aponta para o fato de que cada sociedade, por meio de suas determinadas práticas, produz o próprio espaço numa relação constante entre fluxos de ações/processos e sistemas indissociáveis de objetos fixos.

De modo a exemplificar esta dualidade: o turismo é compreendido, segundo alguns autores (Knafou, 1996; Fratucci, 2007; Cruz, 2008), como prática social que envolve ampla movimentação de fluxo de pessoas (e, conseqüentemente, capital) e ampla intervenção espacial.

A prática do turismo interpretada enquanto processo desencadeia a produção de formas voltadas para suprir a demanda turística a fim de garantir obtenção de lucro (Cruz, 1997, 2008; Carlos, 1996). Entretanto, para que o processo (a atividade turística em si) se desenvolva, há a necessidade da existência de formas espaciais que se enquadrem no padrão de apelo turístico: praias, cachoeiras, maciços rochosos, ou evidências culturais características de um lugar específico. Deste modo, as formas pré-dispostas espacialmente definem a ocorrência de processos (Santos, 1978, 1986, 1996).



A relação entre os agentes e o espaço produz a dialética do território, conforme Santos (1988). Tal processo é um movimento constante entre o externo e o interno, o velho e o novo, entre agentes internos e agentes externos (Queiroz, 2014), no qual o capital e o mercado assumiram e assumem o papel externo, do novo. As novas formas que tomam os lugares da cidade criando ali o circuito turístico, as rotas do consumo de mercadorias, das paisagens, da cultura local, são o resultado direto da ampla circulação dos fluxos e se reproduzem para que estes fluxos sejam cada vez maiores e, portanto, mais lucrativos. Nestas localidades observa-se predominância do setor de lazer, bens e serviços, onde os agentes sociais associados à prática do turismo não medem esforços para investir neste processo de construção do seu espaço turístico.

Assim, a função territorial turística estabelecida num local até então preservado e pouco frequentado agora é controlada por agentes sociais hegemônicos que se apropriam das especificidades espaciais (serras, praias, rios) e culturais para estabelecer um modelo de alta rentabilidade para seus respectivos empreendimentos (Becker, 1995).

O processo de reestruturação urbana em função do turismo como nova atividade econômica local/regional foi observado por Lopes Júnior (1997) em um estudo sobre a cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. Para o autor, além de todas as implicações infraestruturais e de mudanças na dinâmica de produção do espaço urbano, a marca central da urbanização turística em Natal é o consumo excessivo dos lugares, manifestando o que ele denomina “consumo do prazer”, em que é visível a “devoração de dunas, orla e lagoas” (Lopes Júnior, 1997, p. 52).

Ao considerar que nos últimos anos ampliou-se a demanda por locais que destoam do ambiente caótico ocasionado pela urbanização cotidiana, ou seja, a busca por locais de melhor proveito do ócio e, por sua vez, com um tom amenizado da urbanização, certamente houve também um crescimento do interesse do mercado turístico neste tipo de local, conforme explorado por Luchiari (1999) no litoral norte paulista. A autora aponta que as elites e a classe média desempenham papel fundamental na organização socioespacial dos lugares turísticos.

Este contexto remete a Trindade, no município de Paraty, sul do estado do Rio de Janeiro, cuja história recente está associada à ascensão do turismo no sul fluminense e no litoral norte paulista e ao alavancamento de empreendimentos relacionados a esse setor. Em relação à ocupação do sul fluminense associada ao turismo, em especial na parte litorânea, há contribuições nas obras de Lopes Júnior (2016, 2018) e Lopes Júnior e Andrade:

Quanto à implementação do turismo propriamente dito no sul fluminense, pode-se dizer que decorreu, principalmente, da instalação da BR-101 o que favoreceu o acesso a essa região. [...] Após sua implantação, a rodovia estimulou a construção de segundas residências, hotéis, pousadas e outros equipamentos turísticos, assumindo papel decisivo ao fluxo de turistas para a Costa Verde. (Lopes Júnior & Andrade, 2017, p. 56)

É exatamente no sul fluminense, na conhecida Região da Costa Verde, que está Trindade, área de estudo desta pesquisa que busca refletir sobre a dinâmica de produção espacial engendrada pela atividade turística na localidade.

CONHECENDO A ÁREA DE ESTUDO

O município de Paraty se destaca pelo alto grau de preservação ambiental do território. Geralmente os locais menos urbanizados, menos frequentados e com tom paisagístico onde predominam as amenidades encontram-se distantes do centro histórico. Oliveira (2004, p. 32) menciona que nestes locais mais distantes da região central o município “[...] além das belezas naturais, possui vários bens imateriais de grande relevância à história paratiense, como as culturas caiçara, negra, indígena, dos quilombos e portuguesa”.

Paraty está localizada na mesorregião sul do litoral fluminense, inserida no bioma de Mata Atlântica. Sua posição geográfica, margeando a Serra da Bocaina e a Serra do Mar, e o grau de preservação do bioma local proporcionam à cidade ampla disposição de elementos naturais que atraem os interesses do capital turístico.

Paraty foi fundada em 1667 e, por um longo período de tempo, sua economia girou em função da produção canavieira e, posteriormente — mais precisamente no fim do século XVII —, desempenhou importante papel no escoamento de metais preciosos vindos de Minas Gerais pelo conhecido Caminho do Ouro, devido a sua função portuária, como apontam Caponero *et al.* (2019). O reflexo desta importante função econômica é apontado por Azevedo (2013), que relata que, após sucessivos ataques de piratas na região, a cidade passou por um período de isolamento. Isto refletiu diretamente na economia local.

O isolamento desencadeou uma série de implicações para a cidade, de modo que os engenhos aos poucos se desfizeram e epidemias de doenças surgiram em Paraty, evidenciando claros sinais de decadência (Freire, 2012; Azevedo, 2013). Paraty passou a ser, então, no início do século XX, uma cidade esquecida do sul fluminense, sem demonstrar sinais iniciais de industrialização.



No entanto, a partir dos anos 1940, uma série de medidas institucionais estabelecidas na cidade resultaram na dinâmica territorial atual. Segundo um levantamento feito por Azevedo (2013), adaptado de Freire (2012), de 1945 a 1991 foram implementadas sete normativas, sendo as mais expressivas:

- I - Decreto-Lei nº 1.450, de 18 de setembro de 1945 - atribuía à cidade a posição de monumento histórico do estado do Rio de Janeiro;
- II - Decreto nº 58.077, de 24 de março de 1966 - determinava que Paraty seria elevada à condição de Monumento Nacional;
- III - Decreto nº 68.172, de 04 de janeiro de 1971 - criava o Parque Nacional da Serra da Bocaina.

Além das normativas expostas, há uma listagem de monumentos tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN] na cidade a partir dos anos 1960, que podem ser encontrados em Freire (2012, pp. 61-62) e Azevedo (2013, p. 52).

Oliveira (2004) aponta que no período compreendido entre 1978 e 1985 estava em curso o processo de implementação do trecho Rio-Santos da estrada BR-101. O acesso a Paraty por meio da nova rodovia, para a autora, iniciou uma nova fase no município. Assim, segundo Oliveira (2004, p. 32), “[...] devido à preservação de seu patrimônio histórico e elementos naturais”, o turismo passa a constituir importante vetor econômico de Paraty, juntamente com a pesca e a agricultura.

O crescente fluxo de visitantes despertou o interesse de empreendedores, que, segundo Oliveira (2004), enxergaram no local um bom investimento para ampliação de capital, de maneira que o valor aplicado na compra de casarões históricos no centro da cidade foi algo relativamente baixo em relação ao lucro a ser obtido futuramente (Azevedo, 2013). O resultado de tamanha especulação foi a migração dos residentes paratienses para cidades ou bairros vizinhos, acompanhando a reestruturação socioespacial do centro histórico, conforme contado por Azevedo (2013).

Inserida neste contexto, a vila de Trindade, área de estudo do presente trabalho, se localiza a 30 quilômetros do centro de Paraty. Suas belezas naturais, dentre as quais destacam-se inúmeras praias, têm um grande apelo turístico, sendo consideradas como um refúgio para residentes de grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, uma vez que se encontram bastante afastadas de aglomerações urbanas. Além disso, como é citado por Oliveira (2004), Trindade detém as mais belas praias de Paraty, o



que fez desta vila, em conjunto aos traços caiçaras da comunidade local, a segunda maior potência turística do município, perdendo apenas para o Centro Histórico de Paraty.

Local originalmente habitado por caiçaras da região, com a abertura da rodovia Rio-Santos e a ascensão do turismo em Paraty tornou-se importante centro receptor de turistas, e submetida a sucessivas transformações socioespaciais. Transformações estas abordadas por Oliveira (2004), que traz para a discussão do planejamento turístico relatos de acontecimentos associados ao desenvolvimento da atividade no local.

Pode-se afirmar que a consolidação do turismo em Trindade se deu de maneira turbulenta. Num período em que crescia a demanda por um turismo de segunda residência em locais com alto índice de preservação ambiental situados em ambientes litorâneos, as terras que pertenciam à fazenda Laranjeiras foram vendidas à empresa Paraty Desenvolvimento Turístico S. A., como aponta Camargo (2013). A empresa, segundo o autor, é fruto de uma associação de duas empresas transnacionais: a Atlantic Community Development Group For Latin America [ADELA] e a BRASCAN.

No decorrer dos anos 1970 a empresa empreendeu uma série de ataques aos caiçaras da vila de Trindade, promovendo incêndios, derrubada de casas e ataque de jagunços armados no local, segundo apontado por Camargo (2013) e Oliveira (2004). Isto, de acordo com os autores, porque o atual Condomínio Laranjeiras em seu projeto inicial deveria ser construído onde hoje é o centro turístico da vila de Trindade.

Camargo (2013) relata que, após um extenso período de resistência do povoado local, um grupo de jovens de classe média se juntou ao povo caiçara dando origem à Sociedade de Defesa do Litoral Brasileiro, que garantiu a permanência da população em sua terra, o acesso às praias e o impedimento da construção do condomínio no local. De acordo com Oliveira (2004, p. 34), em 1981, após o acordo judicial entre a empresa e a população caiçara, iniciou-se um processo de reestruturação “do lugar, da moradia, do modo de vida e da cultura local”. Ainda de acordo com a autora, nesse mesmo período houve o crescimento do desenvolvimento turístico, colocando Trindade de vez no eixo do capital turístico. Assim, houve a chegada de empreendedores, transformações urbanas voltadas para a melhor circulação de fluxos, integração de serviços e tudo que hoje pode ser evidenciado na paisagem da vila.



METODOLOGIA

Quanto à abordagem da pesquisa privilegiou-se o método qualitativo. Os procedimentos metodológicos compreenderam a pesquisa bibliográfica com levantamento em bases oficiais e banco de dados, como o Censo Demográfico (IBGE, 2010) e o Plano Municipal de Saneamento Básico de Paraty (UERJ, 2011), trabalho de campo e observação direta, entrevistas semiestruturadas e suas análises.

No que tange aos procedimentos técnicos é destacada primeiramente a pesquisa bibliográfica (Gil, 2008), considerada como fundamental, sendo, conforme Severino (2007, p. 122), “aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc”. Ou ainda, segundo Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Também foram utilizadas bases de dados *online*, como: *Scientific Electronic Library Online - Scielo*, o portal Periódicos Capes e *Google Scholar*. Para os fins desta pesquisa, foram alinhados para o tema em questão os termos Turismo, Urbanização e Meio Ambiente.

A pesquisa de campo exploratória teve por objetivo conhecer melhor a área de estudo, inclusive a problemática da pesquisa, deste modo favorecendo as fases posteriores de coleta de dados por meio das entrevistas. Logo, consistiu na visitação da vila de Trindade para conhecimento prévio a partir da técnica de observação e levantamento fotográfico do centro urbano. Vale dizer que as pesquisas exploratórias, de acordo com Gil (2002, p. 45), “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema”. Corroborando Malhotra (2001, p. 106) ao afirmar que a pesquisa exploratória “é um tipo de pesquisa que tem como principal objetivo o fornecimento de critérios sobre a situação problema enfrentada pelo pesquisador e sua compreensão”.

O método qualitativo, segundo Richardson *et al.* (1999) e Triviños (1995), prioriza a compreensão dos fenômenos sociais. A obtenção de dados qualitativos por meio de observação e aplicação de entrevistas semiestruturadas precisou de algumas adaptações. A ocorrência da pandemia global devido ao surgimento do vírus SARS-CoV2, causador da COVID-19, coincidiu com as datas previstas para a realização desta etapa. Deste modo, tornou-se inviável a realização de trabalhos de campo para observação direta, devido à necessidade de estado de isolamento social.

Diante disso, os trabalhos de campo foram substituídos provisoriamente por análise espacial realizada por meio de geotecnologias, utilizando imagens de satélite e o software *Google Earth Pro*, com o objetivo de



encontrar espaços visivelmente alterados, não condizentes com as condições naturais referentes ao ambiente fisiográfico da região sul fluminense.

Devido à necessidade de permanecer em isolamento social, o modo de aplicação das entrevistas também foi alterado. Buscou-se como solução temporária a aplicação de entrevistas por meio do uso de telefone durante os meses de maio e junho de 2020. Por ser fruto de um contratempo, não houve planejamento necessário para que fosse obtido amplo alcance, o que justifica o número reduzido de entrevistados, somando um total de quatro moradores da localidade, com atuação profissional na área ambiental e social junto à comunidade de Trindade. Pelo exposto, intenciona-se pós-pandemia adequar os procedimentos metodológicos de modo a contemplar outras entrevistas de modo presencial, ou seja, numa segunda fase desta pesquisa.

Visando preservar a identidade dos entrevistados, assim respeitando o seu anonimato, adotou-se as nomenclaturas A, B, C e D, sendo: A, um engenheiro sanitarista morador do local; B, uma engenheira florestal moradora do local há 7 anos; C, um jornalista e morador nativo; D, um representante de um observatório de comunidades tradicionais local. Todos, espontaneamente, aceitaram fazer considerações sobre os temas apresentados.

As entrevistas semiestruturadas tiveram como diretrizes os seguintes tópicos:

- o posicionamento sobre o turismo e o seu desenvolvimento em Trindade;
- a importância do turismo para a vila de Trindade, assim como quem se beneficia dessa atividade;
- apresentação de pontos positivos e/ou pontos negativos relacionados à prática do turismo em Trindade;
- opiniões sobre as possíveis mudanças que o turismo tenha provocado em Trindade;
- considerações em relação ao comércio e aos serviços (educação, saúde, energia elétrica, abastecimento de água e esgoto, ...) na vila de Trindade;
- reflexões sobre a urbanização (crescimento) de Trindade.

RESULTADOS

Trindade está inserida na Macrozona 9 do município de Paraty e, de acordo com o recenseamento de 2010, a população residente da época contabilizava 935 habitantes (IBGE, 2010). Conforme a projeção de acréscimo populacional realizada no Plano Municipal de Saneamento Básico de Paraty [PMSB] (UERJ,

2011), a população residente de Trindade em 2020 estaria em torno de 1.480 habitantes, considerando uma taxa de crescimento de 0,0415% ao ano.

Para fins de visualização da localização da área de estudo, elaborou-se uma representação cartográfica (Figura 1).



Figura 1 - Localização de Trindade no município de Paraty-RJ
Fonte: Wilson Martins Lopes Júnior e Marcelo Curvelo.

O levantamento realizado para o PMSB de Paraty atribui ao turismo a causa do crescimento demográfico em Trindade, conforme exposto no documento:

A Macrozona MA-9 teve crescimento excepcional por conter a localidade de Trindade, bastante frequentada, sendo um polo de atração turística, com grande número de residências coletivas, acarretando significativo aumento da população flutuante. (UERJ, 2011, p. 23)

Para esclarecimento, a população flutuante é composta pelo número de não residentes que estavam no local no dia da contagem. Por ser um dos pontos mais visitados de Paraty, a população flutuante em Trindade é elevada e, baseando-se nos dados do Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, o



número de habitantes flutuantes observado foi de 1.886 pessoas, que adicionadas à população residente (985 habitantes), soma um total de 2.871 habitantes.

Utilizando outros dados significativos do PMSB de Paraty (UERJ, 2011), nota-se que Trindade não possui sistema de esgotamento sanitário, nem sistema integrado de abastecimento e tratamento de água. A captação de água é realizada na Cachoeira de Trindade, com vazão de abastecimento de 9,2 l/s. Em 2010 a demanda por água no local girava em torno de 6,2 l/s, entretanto, com o acréscimo populacional ao longo dos anos e com o aumento significativo da população flutuante, a demanda estimada para 2020 no PMSB de Paraty (UERJ, 2011) ultrapassa a capacidade de abastecimento do manancial, com um valor de 9,82 l/s.

Trindade está inserida parcialmente no território que compreende o Parque Nacional da Serra da Bocaina e pertence à área de proteção ambiental Cairuçu. Dessa maneira, o crescimento da malha urbana é algo a ser pensado cuidadosamente, demandando não só planejamento territorial, mas fiscalização por meio de órgãos ambientais.

A partir disso, como parte integrante da pesquisa, elaborou-se um mapa do espaço transformado em Trindade, realizado nos softwares *Google Earth Pro* e *QGis*. Essa representação cartográfica destaca o espaço transformado por construções, evidentes desmatamentos e demarcação de loteamentos encosta acima (Figura 2).

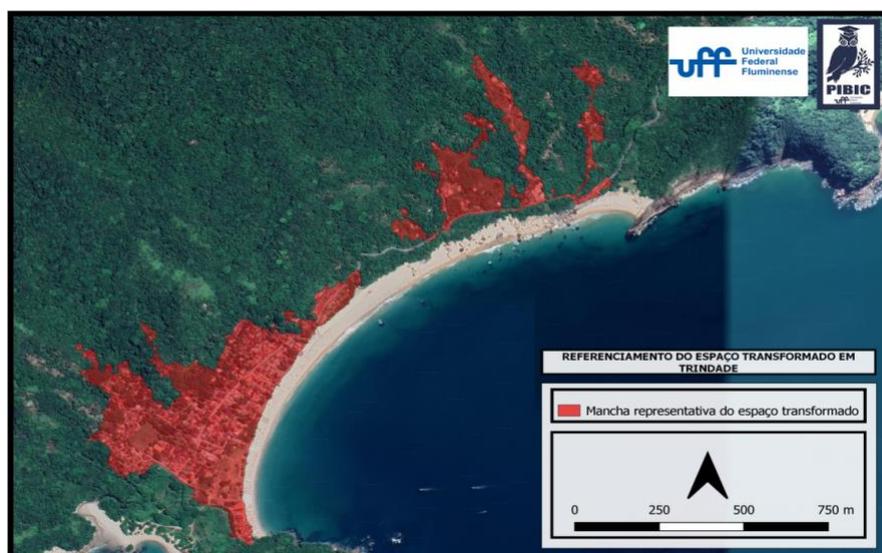


Figura 2 - O espaço transformado em Trindade
Fonte: Marcelo Curvelo.



O referenciamento espacial realizado pode ser relacionado com os dados demográficos já expostos, além de evidenciar o conteúdo apresentado pelos entrevistados no que diz respeito ao crescimento urbano na vila. Deste modo, favorecendo a visualização e compreensão da transformação espacial.

Quanto às entrevistas, num primeiro momento pôde-se notar a semelhança entre as respostas que se referiram ao turismo em Trindade. Ao responder sobre o histórico do turismo no local (tema referente à questão 1), a entrevistada B, moradora do local há 7 anos, relata que até o ano de 2000 não havia estrada asfaltada que ligasse Trindade à rodovia Rio-Santos, limitando o acesso à comunidade.

Tal depoimento coincide com a resposta do entrevistado D, representante de um observatório de comunidades tradicionais local: Quando conheci Trindade em 1994, a vila era um destino de pessoas “descoladas” que buscavam um local alternativo de turismo. Com o tempo, foi havendo muita invasão de pessoas de fora e pressão imobiliária. (Entrevistado D, 2020)

O entrevistado A também faz um apontamento relevante ao padrão espacial decorrente do desenvolvimento turístico na vila. Ele conta que inicialmente o turismo em Trindade era composto “majoritariamente por *campings*” que, com o passar do tempo, “passaram a ser substituídos por pousadas, tendo um crescimento das construções muito acentuado ao longo dos anos”. Os relatos apresentados evidenciam a própria dinâmica de reprodução do espaço turístico de Trindade, que passou a ser um destino mais atrativo para o mercado turístico, mais acessível e, portanto, mais transformado.

A partir dos anos 2000, de acordo com B, “os moradores que antes ainda viviam da pesca e outras atividades passaram a viver majoritariamente do turismo”, destacando aí a importância do turismo para a comunidade. Fato inegável, presente nas respostas de todos os entrevistados é que o turismo é a principal fonte de renda da comunidade, o que sustenta sua importância.

Acredito que Trindade seja um dos lugares de maior visitação do Brasil [...] De acordo com um levantamento feito pelo ICMBio o Parque Nacional da Bocaina atingiu a marca de 3º parque mais visitado do Brasil, porém não é muito organizado, tanto pela maneira que a prefeitura vende Trindade e não oferece uma estrutura, quanto pela limitação... Vem muito mais gente do que o lugar comporta. (Entrevistada B, 2020)

O entrevistado C salienta que a comunidade precisa saber lidar melhor com o grande fluxo de pessoas que o turismo movimenta em Trindade. Para ele, “quantidade não é mais sinônimo de desenvolvimento”, e é dever da comunidade encontrar “uma forma de conseguir manter a sua fonte de renda, mas também preservando o meio ambiente e seus valores culturais”. A entrevistada B aponta que a quantidade de



visitantes já preocupa os moradores e que existe uma discussão para implantação de “uma guarita que possa controlar o número de visitantes”.

Como observado, o turismo de massa, além das benesses para aqueles que vivem da atividade, desencadeia também efeitos adversos sobre os moradores do local. À medida que o local se torna mais visitado, maiores podem ser as chances de choque cultural entre os locais e os visitantes e, sobretudo, mais significativos são os danos ambientais.

Além da comunidade, o turismo beneficia também trabalhadores ambulantes que migram para o local em épocas de alta temporada. O entrevistado B conta que não há fiscalização em relação ao mercado ambulante no local, e que “eles vêm de todas as partes e se instalam aqui de maneira bem precária para aproveitar o fluxo turístico”.

Essa questão dos ambulantes é uma realidade nas praias do sul fluminense. O fenômeno de ambulantes migrantes que sobrevivem “da praia” pode ser muito bem observado em uma simples viagem de ônibus intermunicipais pela região da Costa Verde, Angra dos Reis e Paraty, ao fim do dia, horário em que podem ser vistos retornando ao seu local de origem.

Ao serem indagados sobre um ponto positivo do turismo em Trindade, os entrevistados dão basicamente a mesma resposta: a atividade é a principal fonte de renda da grande maioria da comunidade. Já no que diz respeito aos pontos negativos, são abordados diferentes problemas.

O entrevistado A comenta que o ponto negativo é a predominância do turismo de massa no local, que gera impactos socioambientais. O entrevistado B segue a mesma linha e cita problemas como: a presença de tráfico de drogas, o excesso de pessoas, incompatível com a capacidade local, impactos sanitários, falta d’água e trânsito. A entrevistada D relata que “o Cachadaço, principal ponto turístico, fica absolutamente lotado e necessita urgente de uma avaliação de capacidade de suporte”.

Neste contexto, a visitação em massa resulta em danos ambientais e ocorrência de problemas sociais que até então não faziam parte da cultura local, como é o caso do tráfico de drogas. Pode-se especular, ainda, que tais problemas influenciam negativamente no ideal de pertencimento dos caiçaras com seu território. Entre as mudanças relacionadas ao turismo, foi possível perceber na fala dos entrevistados a indicação da mudança no perfil dos turistas promovida pela ampliação do número de excursões no local. Esse ponto é abordado por três dos quatro entrevistados. “As famílias que antes buscavam o sossego hospedando-se em Trindade vão sendo substituídas pelas excursões”, comenta o entrevistado C.



De acordo com o relato do entrevistado A, essa mudança no perfil econômico e o elevado número de pessoas frequentemente no local ocasionaram “uma grande pressão na especulação imobiliária do local, gerando diversas invasões de terra em áreas protegidas e construções irregulares”. Além disso, B aponta que o número de visitantes que consome no local é reduzido: “vêm pra passar um dia, trazem tudo, não deixam recurso financeiro na comunidade e deixam lixo”.

A mudança no perfil socioeconômico dos visitantes, segundo o entrevistado B, é fruto da superlotação das praias e do próprio local, "o amplo número de turistas fez com que os turistas de maior poder aquisitivo não escolhessem mais Trindade como destino". Outro ponto importante relacionado ao elevado número de pessoas na região é observado por D, que afirma que “após o asfaltamento da estrada Cunha-Paraty, a vila de Trindade ficou a praia mais próxima de uma vasta região do Vale do Paraíba e passou a ser impraticável”.

Aqui pode-se observar a própria lógica do mercado turístico, em que os turistas de maior poder aquisitivo estão sempre em busca de exclusividade e, quando isso não é mais possível em um local, optam por consumir outro “produto”. Fora de contexto a fala dos entrevistados poderia soar, e poderia ser, elitista. Entretanto, a crítica dos moradores é respaldada pelo fato de haver empresas que lucram com a exploração do espaço, de modo que se amplia o fluxo turístico, mas não há incremento nos rendimentos daqueles que vivem da atividade.

A respeito de comércio e serviços essenciais em Trindade, foi observado por meio das entrevistas que não há saneamento básico (como visto no item anterior); que a localidade conta com somente um posto de saúde; e que durante os períodos de alta temporada é comum a ocorrência de quedas de energia e a falta d'água.

A entrevistada B comenta que Trindade carece de assistência da prefeitura municipal que, segundo ela, “vende Trindade como um destino, muitas agências trazem turistas para cá, mas não dão um suporte”. B aponta que a gestão do território é feita pela Associação de Moradores de Trindade [AMORT]:

Tudo tem um suporte da AMORT, é a associação que gera recursos com a exploração de um estacionamento local, é ela quem banca alimentação de médicos e seguranças. Tem todo um suporte que me faz questionar que a AMORT está fazendo um papel que não é dela. (Entrevistada B, 2020)

Além de todos esses serviços promovidos pela AMORT, há um plano de gestão próprio para as épocas de alta temporada: o “Plano Verão”. De acordo com B, como parte do plano, a AMORT contrata limpadores de rua e guardas de trânsito, devido à ampla quantidade de pessoas que visitam o local nesse período.



Diante dos relatos, é possível perceber a falta de planejamento, gestão e investimento por parte da Prefeitura Municipal de Paraty.

Em relação ao crescimento urbano no local, não faltam preocupações por parte dos moradores. A ausência de fiscalização pelos órgãos competentes abre margem para invasões irregulares de terrenos, venda de lotes abaixo da metragem mínima, entre outras coisas. O entrevistado A aponta que nos últimos anos a falta de fiscalização contribuiu bastante para construções em locais inapropriados:

[...] existem diversas construções irregulares e fora do disposto no plano diretor (sem respeitar recuos, porcentagem máxima de ocupação, altura das construções, distanciamento de cursos d'água), construções em áreas de preservação ambientais (APP), áreas de uso comunitário, áreas de conservação integral, áreas de restinga e faixas de praia. (Entrevistado A, 2020)

A entrevistada B demonstra grande preocupação, afirmando que “se não for feita alguma coisa agora, realmente isso pode comprometer o local”. De acordo com ela, Trindade se divide em 3 áreas: área parque, área da companhia e área da comunidade. Assim, “a comunidade fica espremida, com poucas áreas de expansão [...] na área do Cepilho tem um crescimento desordenado, muita venda de terrenos pequenos”. O entrevistado C também demonstra preocupação e relata que “todos os dias novas construções surgem, muitas vezes sem os devidos alvarás”. Entretanto, B conta que houve uma revisão no plano de manejo da área da comunidade que impede que as terras sejam vendidas para alguém que não seja caiçara, “porém não está tendo muita fiscalização. As pessoas continuam comprando terrenos abaixo da metragem mínima”, comenta a entrevistada.

Após a apresentação das informações obtidas com as entrevistas, seguem as considerações sobre a pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da lógica exposta ao longo deste artigo, pode-se interpretar o turismo enquanto prática social e econômica que incide sobre o espaço e o modifica de acordo com os interesses de seus agentes sociais, bem como influencia toda a atividade econômica. Tal movimento remete ao pensamento de Corrêa (1989) que introduz a ideia de que, no espaço urbano capitalista, o valor da troca se sobrepõe ao valor do uso. Isso pode ser observado, também, em localidades turísticas, variando de acordo com as especificidades de cada lugar.



O turismo em Trindade surge da tentativa de dominação de um lugar apropriado, ocupado por uma comunidade de pescadores, que dali extraíam recursos sem fins lucrativos. A dualidade dominação-apropriação é explicitada na obra de Haesbaert (2007): o autor entende que a dominação consiste em aplicação de um poder sobre um determinado território, convertendo-o à lógica do capital, em que impera o valor de troca; já a apropriação estaria associada à ocupação simbólica do território, prevalecendo o valor de uso sobre ele.

De acordo com este estudo, apesar do “povo trindadeiro” resistir à tentativa de dominação de sua terra, tal fato não impediu que a comunidade e seu território fossem absorvidos pela lógica de acumulação capitalista, fazendo do crescente fluxo de turistas no local também a sua fonte de subsistência.

Essa dominação do território caiçara pode ser entendida sob a ótica do conceito de dominação apresentado por Haesbaert (2007), além das contribuições de Santos (1996), que implica o espaço geográfico enquanto constante interação sistêmica entre objetos e fluxos, potencializada pela existência de redes. Isto é, uma vez que um local tal como Trindade tem contato com fluxos diferentes, seu espaço se modifica gradualmente e, conseqüentemente, os fluxos também se modificam.

Atualmente, pode-se entender a estruturação socioespacial deste município como resultado de diferentes aspectos históricos e intervenções, apresentados ao longo do presente projeto. Além disso, essa estruturação pode ser entendida em dois estágios: num primeiro, tem-se a construção da BR-101 como motor principal do desenvolvimento turístico e de segundas residências no sul fluminense; paralelamente, ocorria a especulação imobiliária por meio da Paraty Desenvolvimento Turístico S. A., grupo empresarial transnacional que atuou no mercado turístico e de segundas residências em diversas praias de Paraty. O segundo estágio se deu com a construção da estrada que ligou o centro de Trindade à BR-101 no ano 2000, de modo que permitiu maior acesso de turistas e de empreendedores à vila, transformando o lugar em uma “arena de antagonismos e complementaridades” (Santos, 1996, p. 57). De maneira geral, estes processos desencadearam a estrutura socioespacial de Trindade hoje, onde os pescadores locais foram convertidos à lógica do capital por meio do turismo, ainda que preservadas as práticas tradicionais e garantida a posse da terra.

O crescimento exponencial do turismo em Trindade, além de transformações socioespaciais, desencadeou danos ambientais ao local. De acordo com o relatório do Plano Municipal de Saneamento Básico de Paraty, observou-se que Trindade não possui recursos essenciais suficientes para a manutenção do turismo massivo: não há sistema integrado de saneamento básico e tratamento de esgoto; não há sistema de



tratamento e distribuição de água; as ruas da vila não suportam a densidade de veículos no local em épocas de temporada; e a geração de resíduos sólidos durante os períodos de maior visitação contribui para a degradação do espaço físico local.

A variedade de problemáticas associadas ao turismo expostas nesta pesquisa mostrou influenciar a experiência dos moradores locais com o próprio território, conforme os relatos obtidos nas entrevistas. Há relutância em como o local é “vendido” pela prefeitura de Paraty e explorado pelas diversas agências turísticas que promovem turismo de massa, comumente chamado de excursões. Para os moradores locais, sobretudo os que vivem do turismo, o turismo de massa, além de não contribuir economicamente para a vila, desencadeia uma série de problemas ambientais e infraestruturais. Tal relutância muito se dá pelo descaso com que o turismo é explorado pelo Estado (em todas as esferas), que não fornece o básico para desenvolvimento sustentável e consciente do turismo.

Como solução, a Associação de Moradores de Trindade [AMORT] obtém recursos por meio da exploração de um estacionamento na vila, e os lucros são investidos em serviços essenciais, como segurança, controle de trânsito, coleta de lixo, etc. O chamado “Projeto Verão” assume o papel do Estado, que deveria prover não só tais serviços, como efetuar melhor planejamento de ocorrência das atividades. Além destas medidas, a população local discute a inserção de uma catraca com a finalidade de controlar a entrada de visitantes, promovendo ganhos econômicos e menor impacto ambiental.

Finalizando, é importante ressaltar que o caso de Trindade não se iguala a uma lógica generalizante de consolidação de espaço turístico devido a suas especificidades históricas, sociais e espaciais. O fato de ser uma comunidade tradicional que resistiu às controversas e perversas transformações promovidas pelo capitalismo, de ter conseguido por lei o direito à terra, de estar localizada em parte do território do Parque Nacional da Serra da Bocaina garantiu a Trindade um desenvolvimento socioespacial específico.

Tal especificidade se dá pelo fato de os proprietários não poderem vender suas terras para pessoas de fora; pelas limitações espaciais impostas pela lei que garante parte do território de Trindade à Companhia Paraty Desenvolvimento Turístico S. A.; pela gestão do Parque Nacional, que atua não só para imposição de limites geográficos para ocupação territorial, mas também tem papel determinante na conscientização ambiental para a comunidade; e pela função essencial que a comunidade desempenha para garantia de seu território e afirmação de sua territorialidade, preservando a natureza local e seus valores culturais.



REFERÊNCIAS

- Azevedo, F. P. (2013). *Lembranças fabricadas: a homogeneização do souvenir em Paraty e suas consequências para a comunidade local*. Monografia (Bacharelado em Turismo) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- Becker, B. K. (1995). *Levantamento e avaliação da política federal de turismo e seu impacto na região costeira* (Vol. 3). Brasília: Programa Nacional do Meio Ambiente.
- Camargo, C. P. M. P. (2013). *Territorialidades caiçaras do tempo de antigamente ao tempo de hoje em dia em Paraty, RJ*. (Vila Oratório, Praia do Sono, Ponta Negra e Martim de Sá). (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- Carlos, A. F. A. (1996). O turismo e a produção do não-lugar. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*, vol. 2, pp. 25-37, 1996.
- Caponero, M. C., Giraldo, R., & Leite, E. Paraty, patrimônio mundial da Unesco: preservação da história, da memória, da cultura e da biodiversidade. *Revista Confluências Culturais*, Joinville, vol. 8, n. 2, pp. 42-53, sep. 2019. ISSN 2316-395X. Recuperado de <http://periodicos.univille.br/index.php/RCCult/article/view/801> em: 03 novembro 2020.
- Corrêa, R. L. (1989). *O espaço urbano*. São Paulo: Ática.
- Cruz, R. de C. A. da (2000). *Política de turismo e território*. São Paulo: Contexto.
- Cruz, R. de C. A. da (2003). *Introdução à Geografia do Turismo* (2a. ed.). Cidade: Editora Roca.
- Cruz, R. de C. A. da (2008). Turismo, produção do espaço e desenvolvimento desigual: para pensar a realidade brasileira. *Aportes y Transferencias*, 12(2), 25-45. ISSN 0329-2045.
- Entrevistado A. *Entrevista concedida a Marcelo Curvelo*. Paraty, 03 jul. 2020.
- Entrevistado B. *Entrevista concedida a Marcelo Curvelo*. Paraty, 01 jul. 2020.
- Entrevistado C. *Entrevista concedida a Marcelo Curvelo*. Paraty, 05 jul. 2020.
- Entrevistado D. *Entrevista concedida a Marcelo Curvelo*. Paraty, 07 jul. 2020.
- Fratucci, A. C. (2007). Os processos de turistificação do espaço e a atuação dos seus agentes produtores. *Anais ... X Encontro Nacional de Turismo em Base Local*. João Pessoa, PB: UFPB, 1099-1109.

- Fratucci, A. C. (2009). Refletindo sobre a gestão dos espaços turísticos: perspectivas para as redes regionais de turismo. *Revista Turismo em Análise*, 20(3), 391-408.
- Fratucci, A. (2008). *A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo*. (Tese de Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Freire, Z. (2012). *Paraty no século XX*. Caravansarai. Paraty.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4a. ed.). São Paulo: Atlas.
- Haesbaert, R. (2007). Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*. (17), Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- IBGE (2012). *Censo Demográfico 2010. Resultados Gerais da Amostra* - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.
- Jafari, J. (2005). El turismo como disciplina científica. *Política y sociedad*, 42(1), 39-56. Recuperado de <https://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/POSO0505130039A>.
- Knafou, R. (1996). *Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo*. Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: HUCITEC, 62-74.
- Lopes Júnior, E. (1997). *Urbanização turística, cultura e meio ambiente no nordeste brasileiro*. Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente. Campinas, São Paulo: Papirus, pp. 43-58.
- Lopes Júnior, W. M. (2018). Avaliação do fluxo de ônibus fretado na cidade de Angra dos Reis, RJ, Brasil/Evaluation of Chartered Bus Flow in the City of Angra dos Reis, RJ, Brazil. *Rosa dos ventos - Turismo e Hospitalidade*, 10(3). DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v10i3p483>.
- Lopes Júnior, W. M. (2016). Fluxo de automóveis nos estacionamentos públicos e privados da cidade turística de Angra dos Reis-RJ. *Revista Turismo em Análise*, 27(2), pp. 429-453. Recuperado de <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v27i2p429-453>.
- Lopes Júnior, W. M., & Andrade, S. I. de (2017). Análise da satisfação dos turistas do estado de São Paulo durante o réveillon de 2016 na Ilha Grande, Angra dos Reis, RJ. *Revista Turismo: estudos e práticas*, 6(2), 45-72.
- Luchiari, M. T. D. P. (1999). *O lugar no mundo contemporâneo: turismo e urbanização em Ubatuba-SP*. 1999. 218p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.
- Malhotra, N. K. (2001). *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. Porto Alegre: Bookman.

- Mascarenhas, G. (2004). Cenários contemporâneos da urbanização turística. *Caderno Virtual de Turismo*, 4(4), 1-11.
- Mullins, P. (1991). Tourism urbanization. In: *International Journal of Urban Regional Research*. Vol. 15, n. 3. 1991, p. 326-342.
- Mumford, L. (1982). *A cidade na história: suas origens, desenvolvimento e perspectivas*. Tradução de Neil R. da Silva, Martins Fontes. São Paulo: Martins Fontes.
- Nicolas, D. H. (1996). *Elementos para un análisis sociogeográfico del turismo*. Turismo e geografia. São Paulo: Hucitec.
- Oliveira, A. C. (2004). Turismo e população dos destinos turísticos: um estudo de caso do desenvolvimento e planejamento turístico na Vila de Trindade-Paraty/RJ. *Caderno Virtual de Turismo*, 4(4).
- Pearce, D. G. (2003). *Geografia do turismo: fluxos e regiões no mercado de viagens*. São Paulo: Aleph.
- Pearce, D. G. (1995). *Tourism today: a geographical analysis* (2nd ed.). Harlow, UK: Longman scientific & technical.
- Pimentel, M. R., & Castrogiovanni, A. C. (2015). Geografia e Turismo: em busca de uma interação complexa. *Rosa dos Ventos*, vol. 7, n. 3, pp. 440-458.
- Queiroz, T. A. N. (ago./dez. 2014). Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. *Revista Para Onde!?*, Porto Alegre, vol. 9, n. 1, pp. 154-161.
- Richardson, R. J., Peres, J. A. S., Wanderley, J. C. V., Correia, L. M., & Peres, M. H. M. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas* (3a. ed., 334 pp.). São Paulo: Editora Atlas.
- Santos, M. (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção* (Vol. 1). São Paulo: Edusp.
- Santos, M. (2013). *A urbanização brasileira* (Vol. 6). São Paulo: Edusp.
- Santos, M. (1986). *Circuitos espaciais da produção: um comentário. A construção do espaço*. São Paulo: Nobel, pp. 121-134.
- Santos, M. (2005). *Da totalidade ao lugar* (Vol. 7). São Paulo: Edusp.
- Santos, M. (1985). *Espaço e método* (Vol. 3). São Paulo: Nobel.
- Santos, M. (1988). *Metamorfoses do espaço habitado*: São Paulo: Hucitec.
- Santos, M. (1979). *O espaço dividido*. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Santos, M. (1994). *O retorno do território*. Território: globalização e fragmentação. 2ª ed. São Paulo, Hucitec.

Santos, M. (1978). *Por uma nova geografia*. São Paulo: Hucitec.

Severino, A. J. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Editora Cortez.

Spósito, M. E. B. (1988). *Capitalismo e urbanização* (1ª. reimpressão). São Paulo: Contexto.

Triviños, A. N. (1995). *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Oceanografia. (2013). *Plano Municipal de Saneamento Básico de Paraty*: Distribuição de água e esgotamento sanitário.

Yázigi, E., Carlos, A. F. & Cruz, R. (1996). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec.

Nota - Trabalho apresentado no XVII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo (ANPTUR) no ano de 2020.

Nota: Este artigo é produto da Bolsa de Pesquisa de Iniciação Científica – PIBIC ano 2019/2020 da Universidade Federal Fluminense – UFF. Também faz parte da pesquisa intitulada “Estudo da relação entre o turismo e a urbanização: considerações sobre a Costa Verde, RJ” coordenado pelo prof. Dr. Wilson Martins Lopes Júnior.

INFORMAÇÕES DO (S) AUTOR (ES)

i **MARCELO BARROS CURVELO** - Graduando no Curso de Bacharelado em Geografia. Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense - UFF de Niterói, RJ. Participa do Grupo de Pesquisa: Geografia, Espaço e Turismo – GEOETUR. E-mail: curvelomarcelo@id.uff.br

ii **WILSON MARTINS LOPES JÚNIOR** - Doutor em Geografia. Professor do Departamento de Geografia e Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense - UFF de Angra dos Reis, RJ. Credenciado ao Curso de Pós-Graduação em Turismo – PPGTUR – UFF. Coordena o Grupo de Pesquisa: Geografia, Espaço e Turismo – GEOETUR. E-mail: wmlopesjunior@id.uff.br